



**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**Yasmin Faleiro Nunes da Silva**

**“HOJE É O MEU MOMENTO! HOJE NINGUÉM MEXE COMIGO!”: O CORPO DA  
MULHER NEGRA NOS ESPAÇOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DO  
RIO DE JANEIRO**

**Rio de Janeiro**

**2025**

**Yasmin Faleiro Nunes da Silva**

**“HOJE É O MEU MOMENTO! HOJE NINGUÉM MEXE COMIGO!”: O CORPO DA  
MULHER NEGRA NOS ESPAÇOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DO  
RIO DE JANEIRO**

**Trabalho de Conclusão de Curso em  
formato de artigo científico apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Geografia do  
Colégio Pedro II, como requisito parcial  
para graduar-se em licenciatura em  
Geografia.**

**Orientadora: Professora M.<sup>a</sup> Tatiana de  
Souza Ferreira**

**Rio de Janeiro**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),  
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

S586h

Silva, Yasmin Faleiro Nunes da

“Hoje é o meu momento! Hoje ninguém mexe comigo!”: o corpo da mulher negra nos espaços do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro / Yasmin Faleiro Nunes da Silva. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.

26 p.

Orientadora: Prof. M<sup>a</sup>. Tatiana de Souza Ferreira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II, Curso de Licenciatura em Geografia.

1. Carnaval – Rio de Janeiro. 2. Empoderamento feminino.  
3. Mulher negra. I. Ferreira, Tatiana de Souza (Orientadora). II. Colégio Pedro II. III Licenciatura em Geografia. IV. Título

CDD 394.25098153

**Yasmin Faleiro Nunes da Silva**

**“HOJE É O MEU MOMENTO! HOJE NINGUÉM MEXE COMIGO!”: O CORPO DA MULHER NEGRA NOS ESPAÇOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO**

**Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em licenciatura em Geografia.**

**Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.**

**Banca Examinadora:**

---

**Professora M.<sup>a</sup> Tatiana de Souza Ferreira**

**Colégio Pedro II**

---

**Professora Dra. Larissa Lima de Souza**

**Colégio Pedro II**

---

**Professor M. Mauro Cordeiro de Oliveira Junior**

**Colégio Pedro II**

**Rio de Janeiro**

**2025**

## SUMÁRIO

Introdução .....	7
A hipersexualização da mulher negra e seu passado colonial .....	8
O que e quais são os espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro .....	11
O corpo da mulher negra no carnaval: um paradoxo .....	16
Considerações finais .....	22
Referências bibliográficas .....	24

# “HOJE É O MEU MOMENTO! HOJE NINGUÉM MEXE COMIGO!”<sup>1</sup>: O CORPO DA MULHER NEGRA NOS ESPAÇOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO

Yasmin Faleiro Nunes da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

A hipersexualização da mulher negra é um símbolo de uma história marcada pela colonização e pela internalização de suas práticas, transformando a mulher negra em um ser que sofre duplamente o processo de racismo e machismo de forma simultânea perante a sociedade (Gonzalez, 2020). Uma das formas de expressão desta hipersexualização é a exploração da exposição do corpo. Sendo o Carnaval uma festa popular enraizada na cultura carioca, capaz de subverter diversos paradigmas e promover a quebra de expectativas e abalos no que se entende enquanto moralismo, a nudez da mulher negra torna-se um de seus grandes símbolos. A figura da “mulata” é exaltada enquanto rainha, musa e inspiração da festa, do samba e da cultura carnavalesca. Sua exaltação é frequentemente expressa na exposição do corpo, atributo que compõe as fantasias características de passistas e rainhas de bateria durante as suas performances. É nos múltiplos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro que esses corpos assumem significados também múltiplos. Estes espaços podem ser entendidos desde o lugar onde os desfiles acontecem, a Marquês de Sapucaí, até as quadras das escolas e muitos outros espaços onde essas personalidades circulam. Nesses espaços, analisados aqui em sua carga simbólica, estão em disputa não só o título de ganhadora do ano, como também os próprios sentidos do corpo e da cultura popular carioca numa lógica capitalista que transforma tudo em mercadoria, até mesmo os corpos femininos, principalmente negros. Esses, objetificados no imaginário social, reclamam a sua autonomia na defesa da arte, da cultura e da luta para trazerem o título para a sua escola de samba.

**Palavras-chave:** Corpo; Espaço; Feminismo Negro; Objetificação; Empoderamento; Carnaval

## Abstract

The hypersexualization of black women is a symbol of a history marked by colonization and the internalization of its practices, transforming black women into beings who suffer the process of racism and machismo simultaneously in society (Gonzalez, 2020). One of the ways in which this hypersexualization is expressed is through the exploitation of the body. Since Carnival is a popular festival rooted in Rio culture, capable of subverting various paradigms and promoting the breaking down of expectations and shaking up what is understood as moralism, the nudity of black women becomes one of its great symbols. The figure of the “mulatto” is exalted as the queen, muse and inspiration of the party, samba and carnival culture. Her exaltation is often expressed in the exposure of the body, an attribute that makes up the characteristic costumes of passistas and drum queens during their performances. It is in the multiple spaces of Rio de Janeiro's Carnival samba schools that these bodies take on multiple meanings. These spaces can be understood from the place where the parades take place, the Marquês de Sapucaí, to the schools' courts and many other spaces where these

---

1 Frase dita por uma das passistas durante a entrevista.

2 Licencianda em Geografia pelo Colégio Pedro II.

personalities circulate. In these spaces, analyzed here in their symbolic charge, not only the title of winner of the year is in dispute, but also the very meanings of the body and popular culture in Rio in a capitalist logic that turns everything into merchandise, even female bodies, especially black ones. These, objectified in the social imaginary, claim their autonomy in the defense of art, culture and the fight to bring the title to their samba school.

**Keywords:** Body; Space; Black Feminism; Objectification; Empowerment; Carnival

## Introdução

Este artigo pretende contribuir para os estudos sobre raça e gênero, atribuindo a dimensão espacial que é de extrema importância não só para a Geografia, como também para a análise de elementos simbólicos e culturais na sua dimensão ideológica. Aqui busco compreender como o corpo da mulher negra pode ser percebido de diferentes formas nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, e essas percepções podem variar em um espectro que vai do empoderamento à objetificação. A pergunta que guiou essa pesquisa foi: o corpo da mulher negra, nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, são objetificados ou empoderados?

A partir dessa formulação a pesquisa foi realizada através de uma metodologia qualitativa, com uso de entrevistas abertas, devido à flexibilidade em apreender o máximo de informações que forem disponibilizadas ao longo do diálogo, sem limitar as interlocutoras em suas respostas. Foram entrevistadas mulheres negras que desfilam na Marquês de Sapucaí e que possuem a nudez<sup>3</sup> como característica marcante de suas performances, como por exemplo, as passistas e rainhas de bateria.

Durante as entrevistas foi abordado como essas mulheres enxergam a sua nudez no desfile, ou seja, quais significados atribuem para ela. Também foi tratado como essas mulheres enxergam a exposição de seus corpos em espaços como os ensaios de quadra, ensaios de rua e profissionalmente em outros países, buscando relatar quais semelhanças e distinções elas encontram nesses espaços. O objetivo do presente trabalho foi compreender os diferentes significados que a exposição dos corpos de passistas negras podem assumir a depender dos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro em que estejam situados. O critério para a escolha das entrevistadas foi: ser mulher negra, passista ou rainha de bateria, de alguma escola de samba que desfile na Marquês de Sapucaí, seja na série Ouro, seja no grupo especial.

A pesquisa conta também com o trabalho em campo. Durante o pré Carnaval, foram realizadas observações dos ensaios de rua do Grêmio Recreativo Escola de Samba Sereno de Campo Grande, da Série Ouro, assim como o seu ensaio técnico na Marquês de Sapucaí. Por fim, as observações em campo se encerram com o desfile da escola no Sambódromo. As observações em campo foram fundamentais para a realização da pesquisa, pois através delas

---

<sup>3</sup> É importante destacar que a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA) proibiu a nudez total nos desfiles a partir do ano de 1990, impedindo que pessoas com a genitália exposta, decorada e/ou pintada se apresentem. Apesar disso, a nudez marca a história das “mulatas” do Carnaval, sendo um importante elemento para a análise que o presente trabalho busca fazer.

foi possível relacionar as informações oferecidas pelas entrevistadas, com os espaços estudados.

O trabalho pretende alcançar todas e todos que estejam interessados nos estudos de raça e gênero. A intenção aqui não foi realizar uma escrita permeada de erudições e de difícil compreensão, e sim um trabalho que atinja ao público interessado e principalmente as mulheres negras independente de sua inserção no ambiente acadêmico. Apesar do presente trabalho ser uma produção da Geografia acadêmica, o intuito é contribuir para uma análise crítica da realidade de mulheres negras, através da temática da hipersexualização da mulher negra nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Para alcançar o objetivo ao qual se propõe, este artigo foi dividido em três seções. Inicialmente é feita uma análise sobre a hipersexualização da mulher negra e seu passado colonial, analisando como historicamente foi feita a construção da imagem da mulher negra atribuída a massiva exploração do corpo e da sexualidade. Em seguida, busca-se compreender o que e quais são os espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, ressaltando a dimensão simbólica na construção ideológica dessas figuras. Por fim, é feita uma análise sobre o paradoxo que envolve o corpo da mulher negra nesses espaços.

### **A hipersexualização da mulher negra e seu passado colonial**

A hipersexualização da mulher negra é um símbolo de uma história marcada pela colonização e pela internalização de suas práticas, transformando a mulher negra em um ser que sofre duplamente o processo de racismo e machismo de forma simultânea perante a sociedade (Gonzalez, 2020). Uma das formas de expressão desta hipersexualização é a exploração da exposição do corpo. Nesse momento, o trabalho propõe analisar como essa exposição do corpo da mulher negra possui uma intensa relação com o processo de colonização e conseqüentemente com a objetificação dessas mulheres.

Durante o período colonial diversas formas de violência foram aplicadas à população negra. Dentre essas tantas formas de violência temos em comum o ato de objetificação presente no processo de colonização, claramente expresso no próprio passado escravista brasileiro. Lembrando que o racismo foi essencial para a instauração do processo colonial, ao tornar “o outro” objeto, as potências coloniais obtiveram as condições ideais para a legitimação da exploração que se estabeleceu. A hipersexualização foi uma dessas formas de objetificação projetada sobre os corpos negros, principalmente femininos.

O discurso da hipersexualização se pautou, além da objetificação da população negra, na concepção ocidental sobre a sexualidade. A visão ocidental, formada pela base cristã, principalmente católica, enxergava no sexo a imagem do profano, e enxergava na mulher negra a imagem da pecadora, da responsável por corromper a jornada espiritual do homem branco (Freitas, 2011). No imaginário europeu, forjado no período colonial, as mulheres negras, representavam a verdadeira oposição moral ao que se considerava ideal. Esse discurso era reforçado por membros da Igreja Católica, mas na maioria das vezes não era seguido pelos homens brancos. Como exemplo dessa afirmativa é possível citar a prática de iniciação sexual de jovens brancos da elite com mulheres negras, como relatou Lélia Gonzalez em sua obra *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*:

Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada para ‘logo apresentar os documentos’.” (Gonzalez, 2020, p. 86)

Um dos princípios da Igreja Católica para o matrimônio é a virgindade até a primeira noite de núpcias do casal, mas em total oposição a esse dogma existia o incentivo para que os homens iniciassem a sua vida sexual antes do casamento, ressaltando o machismo e a hipocrisia existente na sociedade. Somado a isso, a crença na pureza da mulher branca tornava moralmente condenável que essa relação fosse inicializada com ela, logo, a mulher negra era a opção. Essa vista como “a outra”, estaria no imaginário colonial disponível para o “treinamento” sexual desses jovens antes do casamento em si. É importante ressaltar que essas relações, em sua maioria, não eram consensuais, e sim estupros, já que a mulher negra era vista como um objeto a ser utilizado da forma que melhor satisfizesse o seu senhor.

A objetificação que se estabeleceu no período colonial estava intimamente ligada aos lugares e posições destinados às mulheres negras. Essas idealizadas para espaços como as senzalas, as plantações, nas ruas na figura das escravas de ganho, na função de mucamas nos serviços domésticos da casa grande e como ama de leite dos filhos dos senhores. Posições e lugares que legitimaram sua objetificação, como um ser que existe tão somente para servir. Seja nas atividades diárias da casa, no cuidado com as crianças e até mesmo servir sexualmente aos homens. A negação da humanidade com o processo de objetificação cria em torno da mulher negra a expectativa de que o seu corpo está continuamente disponível, independente da sua vontade<sup>4</sup>.

---

4 O presente trabalho não se aprofunda nas questões da agência da mulher negra no Brasil colônia, pois o recorte da pesquisa opera nas consequências que as tentativas sistemáticas de objetificação legaram para as representações e expectativas sobre os corpos e os lugares destinados às mulheres negras até hoje. Apesar disso, é importante ressaltar que as constantes tentativas de objetificação dos corpos negros, nunca foram capazes de

Através da violência sexual vivida pelas mulheres negras conseqüentemente surge a miscigenação enquanto fruto da violência e produtora da “mulata”. O discurso da miscigenação é o grande responsável por naturalizar a violência sexual sofrida pela mulher negra durante o período colonial brasileiro e de negar a existência de uma hierarquia criada devido ao processo colonial, entre brancos e negros. Ao invocar o discurso do triângulo étnico e de uma raça miscigenada, existe uma constante tentativa hegemônica de ignorar que majoritariamente as relações interracialis no Brasil se iniciaram através do estupro de mulheres em situação de maior vulnerabilidade, ou seja, negras e indígenas.

Expondo essa realidade, Lélia Gonzalez vai dizer que o “racismo à brasileira” é baseado na teoria do embranquecimento, na qual justifica a inexistência de racismo no Brasil devido à miscigenação existente (Gonzalez, 2020). O debate sobre a existência de uma nação miscigenada, e por isso igualitária, persiste e ainda hoje é defendido por aqueles que buscam ignorar o passado escravista brasileiro e a real situação da população negra. Além disso, negligencia múltiplas violências de gênero vividas durante o processo colonial, em uma tentativa de permanecer objetificando os corpos negros femininos.

Inclusive, é importante lembrar que a palavra “mulata” ou “mulato” passa a ser utilizada no Brasil, durante o período colonial, para se referir a filhos de relações inter-raciais, entre pessoas brancas e negras. No caso da sua versão feminina, a palavra “mulata” ganha um outro atributo, ligado à sensualidade, tornando “a mulata, assim construída como um objeto de desejo.” (Corrêa, 1996, p. 40). Ou seja, com a mudança em torno do ideal que se pretendia com o processo da miscigenação, de embranquecimento, para uma nação “igualmente” misturada, a figura da “mulata” passa a ser um símbolo nacional, essencial para a projeção internacional do Brasil permeada por uma sensualidade, formando o que Octávio Sacramento e Fernando Bessa Ribeiro definiram como uma “geografia desejada” (Sacramento; Ribeiro, 2013)<sup>5</sup>.

O discurso da miscigenação coloca em debate a questão do “o quão negro(a) é aceitável”, como bem disse Mariza Côrrea: “no âmbito das classificações de gênero, ao encarnar de maneira tão explícita o desejo do Masculino Branco, a mulata também revela a rejeição que essa encarnação esconde: a rejeição à pele negra.” (Corrêa, 1996, p. 50). Ou seja, a figura da mulata não só revela um desejo carnal do homem branco pela mulher negra, mas

---

lhes retirar por completo de sua condição humana e de sujeito de saber. O movimento de resistência dessas mulheres sempre se fez presente.

<sup>5</sup> “Geografia desejada” é uma definição formulada por Octávio Sacramento e Fernando Bessa Ribeiro para tratar de uma noção de Brasil impregnada no imaginário social, remetendo a sensualidade, em muito alimentada pela figura da “mulata”.

também reforça o desejo pelo embranquecimento, que é um elemento fundante da sociedade brasileira.

O passado colonial da mulher negra contribui para a construção de um imaginário popular que reforça os estereótipos relativos ao seu corpo, cabelo e cria um discurso racista, que busca relacioná-las a altas habilidades sexuais. Existe um conjunto de habilidades que são projetadas nos corpos feminino negros femininos ainda hoje, como por exemplo: ser boa de cama, ter um corpo escultural, saber sambar etc., esses herdados do pensamento colonial. E nesse momento, o Carnaval se apresenta como uma síntese complexa dessa realidade, e principalmente na projeção da imagem da mulher negra enquanto “produto de exportação” (Gonzalez, 2020), através das “mulatas” do Carnaval. Por outro lado, a imagem da mulher negra enquanto uma figura sensual também simboliza o processo de empoderamento e autonomia de seu corpo, sendo essa uma relação ambígua, na qual a possibilidade de empoderamento ou objetificação merecem ser exploradas, como serão nas próximas seções.

### **O que e quais são os espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro?**

O espaço geográfico é um dos conceitos base da Geografia e proporciona a análise de diferentes temas dentro da disciplina. A partir dessa base é possível pensar em como o ser humano é parte constituinte do espaço geográfico, a tal ponto que podemos considerá-lo sócio-espacial:

O mérito do conceito de formação sócio-espacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos a posteriori, mas sim de formação sócio-espacial. (Corrêa, 2021, p. 26-27)

Sendo a sociedade parte integrante do espaço, ela vai construir símbolos, materiais ou não, e significados através de sua cultura, que são intrínsecas ao espaço. Para isso é necessário pensar nas formas simbólicas e seus significados. Formas simbólicas são: (...) “representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural, conforme aponta Hall (1997).” (Corrêa, 2007, p. 7).

Desse modo, as formas simbólicas são representações contextuais, que vão assumir um determinado significado partindo das interpretações de cada sociedade: “As formas simbólicas, no entanto, são sujeitas a interpretações distintas, caracterizando-se por uma instabilidade de significados, por uma polivocalidade.” (Corrêa, 2007, p. 7). Além disso, as

formas simbólicas possuem um caráter político claro. Uma sociedade ao elaborar suas formas simbólicas esboça o seu posicionamento político, sua compreensão de mundo, e esses são mutáveis de acordo com a realidade presente. Ou seja, as formas simbólicas não são perenes e podem assumir diferentes significados, que oscilam dentro de uma mesma sociedade, fazendo com que esses possam paradoxalmente coexistir.

A partir disso, as formas simbólicas se transformam em formas simbólicas espaciais, que são: (...) “representações, materiais ou não, relativas às diversas esferas da vida, que estão espacialmente localizadas ou que perfazem itinerários definidos.” (Corrêa, 2007, p. 15). Ou seja, espaços públicos, monumentos, manifestações culturais, são alguns exemplos de formas simbólicas espaciais. São símbolos presentes no espaço capazes de conferirem suas particularidades, e que vão ser entendidos de formas distintas, a depender de quem os experiencia e do momento histórico no qual é vivido.

É possível pensar nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro como espaços ricos em formas simbólicas, permitindo diversas interpretações de suas manifestações e construindo diversos significados por seus diferentes agentes. Ou seja, esses espaços são experienciados de formas distintas, e por pessoas distintas que vão criar distintos significados para suas formas. Enquanto manifestação cultural, seguindo a interpretação de Corrêa, o Carnaval é, ele mesmo, uma forma simbólica espacial.

A partir disso, é possível pensar: O que são os espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro? E quais são eles? Os espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro são múltiplos e simultaneamente articulados. A presente pesquisa busca uma análise dos seguintes espaços: a quadra das escolas, a Marquês de Sapucaí, os ensaios de rua e as casas de show que oferecem espetáculos voltados para essa temática. Seriam nesses espaços que mulheres negras materializam o ideal da “mulata do Carnaval”, figura central desse artigo. Esses espaços compartilham de uma mesma identidade cultural, de costumes e tradições, e possuem diversos símbolos, além de se articularem entre si.

Como já viemos afirmando aqui, a “mulata do Carnaval”, nome culturalmente utilizado para se referir a passistas e rainhas de bateria, negras, que possuem como uma de suas características a exposição do corpo durante os desfiles e eventos associados, é um importante símbolo do Carnaval carioca. Na figura da “mulata”, exaltada enquanto rainha, musa e inspiração da festa, do samba e da cultura carnavalesca. Sua exaltação é frequentemente expressa na nudez que compõem as fantasias características de passistas e rainhas de bateria durante as suas performances.

A exposição do corpo da mulher negra nesses espaços pode assumir diferentes significados, que partem de diferentes interpretações sobre a figura da “mulata”, um dos símbolos máximos do Carnaval. Existe um paradoxo entre a objetificação derivada do processo de colonização, miscigenação e racismo, como já apontado, assumida enquanto hipersexualização, e o empoderamento, resultado de anos de luta do feminismo negro e por suas reivindicações sobre a autonomia de seus corpos. Pensar na cultura do Carnaval carioca e na construção social da mulher negra é fundamental para o entendimento desses espaços, revisitando a afirmação de Roberto Lobato Corrêa de que não se é possível pensar em sociedade e espaço como fatores distintos. (Corrêa, 2021)

Entendendo o Carnaval como uma forma simbólica espacial, com localizações e itinerários (Corrêa, 2007), o trabalho reflete sobre quais sentidos o corpo negro exposto assume para essas mulheres a depender do contexto: quadra da escola, Sapucaí, fora do Brasil etc., evocando a polivocalidade das formas simbólicas e a singularidade de seus significados a partir da experiência espacial. Sendo assim, o corpo da mulher negra, nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, são objetificados ou empoderados?

Buscando responder essa pergunta, a presente pesquisa contou com trabalhos de campo, que foram realizados em diferentes espaços do Carnaval, sendo eles a quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Sereno de Campo Grande, o ensaio de rua da escola e o seu desfile na Marquês de Sapucaí. Sobre a escola escolhida, o intuito foi optar por uma escola que fosse próxima da minha residência, considerando que sou moradora da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, permitindo com que fosse mais viável frequentar os ensaios semanais, buscando criar uma frequência nas observações que construíram a pesquisa.

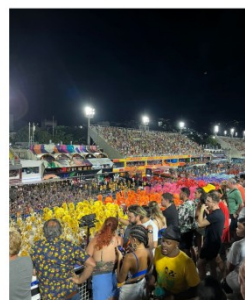
### Os diferentes espaços do Carnaval das Escolas de Samba do Rio de Janeiro



ENSAIO TÉCNICO DE RUA - 26/11/2023



PÓS ENSAIO NA QUADRA - 26/11/2023



DESFILE NA MARQUÊS DE SAPUCAÍ - 11/02/2024

Fotos autorais

Nesses diferentes espaços foi possível observar diferentes percepções das passistas, que se complementam com as informações disponibilizadas nas entrevistas. A escola que realizei os trabalhos de campo, fazia o seu ensaio externo em uma rua paralela a quadra. Antes do ensaio externo começar, os membros iam se reunindo e existia um padrão de organização que se repetia. A bateria se organizava inicialmente, considerando que era a responsável pelo chamado “esquenta” da escola, em seguida membros das outras alas iam chegando e compondo a organização do ensaio. Não era incomum que as passistas se atrasassem para o ensaio. Conversando com um membro da bateria, ele relata que normalmente esse atraso ocorre porque as passistas estão se arrumando e conclui dizendo: “Sabe como é mulher, né? Sempre se atrasa para se arrumar. Aí dá nisso.”.

A relação familiar formada pelos membros da comunidade dava vez a uma certa tensão ao chegar o momento de se iniciar o ensaio, considerando que um bom ensaio poderia se traduzir em um bom desfile no Sambódromo. Somado a isso, a chegada dos visitantes também requer atenção, já que são pessoas que não compõem a comunidade. No geral, são somente admiradores do Carnaval, mas não é incomum que possam surgir situações desconfortáveis. Por exemplo, pessoas que atrapalham os ensaios querendo gravar e fotografar no espaço destinado à passagem da escola, pessoas que acabam excedendo o consumo de bebidas alcoólicas e tomando atitudes inconvenientes ou até mesmo chegando ao ponto de assediar membros da escola, especialmente as passistas. Comportamentos como esse não são comuns de membros da escola, e sim de visitantes que não compreendem como se portar em espaços como esse.

Pensando nesse sentido, como seria o desfile na Marquês de Sapucaí com tantos visitantes? No geral, as passistas entrevistadas se mostraram muito empolgadas pelo desfile, principalmente aquelas que iriam desfilar no Sambódromo pela primeira vez. Apesar disso, conversando com passistas que já possuem uma experiência com momentos como esse, relatos de assédio não são incomuns. Ao longo das entrevistas uma delas me relata que é frequente propostas feitas por expectadores “gringos” por serviços sexuais remunerados, e diz que apesar de nunca ter aceitado os serviços, tem amigas que aceitam e conclui dizendo que “cada um sabe de si”. A questão aqui não é analisar com juízo de valor ou atribuir um moralismo a quem aceita ou não propostas como essa, e sim questionar a lógica que permite a um espectador estrangeiro observar uma performance artística e atribuir a ela um caráter sexual. A lógica de disponibilidade dos corpos negros femininos está empregada no imaginário estrangeiro.

Quando fui à Marquês de Sapucaí, também pude observar como os espaços são experienciados de diferentes formas, por diferentes grupos. Fiquei localizada no setor 6, conhecido popularmente por ser um dos setores favoritos dos “gringos”. Isso se justifica por ser um dos setores que possibilita uma melhor visão dos desfiles, e no Grupo Especial, o seu valor é mais elevado do que outros setores localizados mais próximo ao Terreirão do Samba ou ao Arco da Apoteose. Fiquei posicionada em frente a um grupo de estrangeiros vindos do País de Gales. Uma das integrantes do grupo logo buscou interação com o meu grupo, por perceber que uma das pessoas que nos acompanhavam era fluente em inglês.

Em um determinado momento ela decide tentar sambar no curto espaço da arquibancada e a alerto para ter cuidado pois o espaço era pequeno e ela poderia cair. Nesse momento ela me olha surpresa, como quem dissesse “Não é para sambar?”. Claro que é para sambar! Porém, o curto espaço da arquibancada não comportaria sambar como em uma roda de samba, por exemplo. Muito menos entregar uma performance como a das passistas e rainhas de bateria que passavam na avenida. Mais uma vez, os espaços são experienciados de formas distintas por corpos distintos, e o samba possui diferentes formas de se apresentar e se apreciar a depender do seu espaço, cadência, momento, entre outros.

Existem regras não escritas, que conhecemos e compartilhamos ou não, que ditam o que pode e o que não pode ser feito em determinado espaço. Imagine a seguinte situação: está acontecendo um ensaio na quadra de uma determinada escola de samba, e um vendedor ambulante decide entrar com uma caixinha de som tocando sertanejo e vendendo chips de celular. É um cenário impensável. De fato não existe um regulamento escrito que “Não pode entrar na quadra da escola acompanhado(a) de caixa de som para vender chips de celular!”, mas essa é uma regra óbvia e implícita. Ou seja, os sujeitos ao construírem suas formas simbólicas, constroem também códigos de conduta, que por mais que não estejam formulados como em uma constituição e não tenham um formato burocrático legislativo, ditam as maneiras de se portar em cada espaço.

Pensando no paradoxo “objetificação ou empoderamento”, é fundamental refletir em quais espaços essas mulheres estão inseridas, quais são os espectadores e qual é o contexto. Esse sujeito na figura de espectador compreende as regras implícitas nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro? Como ele compreende o significado do corpo exposto de uma passista? Ele é membro da escola? Frequenta outros espaços do Carnaval? Compartilha desses símbolos? Quanto mais inserido nessa forma simbólica espacial, enquanto manifestação cultural, mais esse sujeito consegue compreender com admiração a exposição do corpo enquanto um fator que compõe a arte do Carnaval. Como disse uma das

entrevistadas: “Ser passista vai além do corpo.”. Aqui não se trata de dizer o que desperta ou não desejo em cada um, e sim, de reconhecer essas mulheres enquanto pessoas detentoras do seu próprio desejo, e não enquanto a personificação do desejo masculino.

Os trabalhos de campo permitiram observar como os significados sobre os espaços do Carnaval e dos corpos das passistas negras oscilam a partir da experiência de diferentes grupos nesses diferentes espaços. Na impossibilidade de analisar como essa diversidade de pessoas, que vão desde integrantes da escola, íntimos do Carnaval, até estrangeiros na Marquês de Sapucaí, na figura de visitantes, significam a nudez feminina negra, optei por entender essa temática a partir dessas mulheres, da própria passista, aquela que personifica a “mulata do Carnaval”.

### **O corpo da mulher negra no carnaval: um paradoxo**

A figura da passista é fundamental para a construção do Carnaval carioca, para além dos limites da cidade do Rio de Janeiro, sua imagem é essencial para a construção da identidade nacional brasileira. Quando se pensa em identidade nacional, se reflete na seguinte questão: O que faz do Brasil o Brasil? Ou melhor, o que tem aqui que se difere de outros lugares do mundo? Para responder essa pergunta é possível pensar em diversos elementos nacionais que vão desde a qualidade do futebol, até as paisagens tropicais, um tema extenso que não é objeto deste artigo. Mas devo citá-lo, pois dentre tantos elementos que poderiam ser elencados enquanto símbolos da identidade nacional, um deles, é certamente o nosso objeto de estudo, a figura da passista, não só da passista, mas da “mulata do Carnaval”.

Imagine o cenário: Carnaval do Rio de Janeiro, uma típica noite na cidade. Calor de 38 graus celsius às 21:00 horas. A Marquês de Sapucaí em êxtase! A bateria começa o seu esquentar. Todas as alas de uma determinada escola estão alinhadas e determinadas a fazerem o melhor desfile de suas vidas, e trazerem novamente, ou pela primeira vez, o título de ganhadora do ano. O quanto isso vale? A chance de participar do Grupo Especial ou de ser a ganhadora do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Pense nesse cenário. O significado é gigante! E o desfile se inicia. Os carros alegóricos e as alas vão passando. O desfile vai evoluindo sem nenhum percalço. Toda a comunidade canta o samba-enredo se transformando em uma grande unidade. Porta-bandeira e mestre sala defendem a bandeira da sua escola com todo o fervor. As baianas carregam fantasias pesadas e a importante responsabilidade de manifestar a ancestralidade negra do festejo em suas giras. A velha guarda carrega o legado. A ala mirim, o futuro. Tudo parece perfeito, mas um detalhe parece

colocar tudo a perder. A bateria não tem sua rainha para acompanhar os batuques com o samba nos pés. A ala das passistas não existe e a escola carece de alegria. O desfile não tá completo. Não é Carnaval.

O cenário imaginado acima ajuda a refletir sobre o tamanho da importância de figuras como a passista e a rainha de bateria, não só para a sua escola, mas para a construção do Carnaval como um todo. O que essas mulheres têm em comum? Apesar de ocuparem funções distintas dentro da escola de samba e no dia do desfile em si, ambas carregam uma imagem do que se espera assistir. Quando se pensa nessas mulheres existe a construção de uma imagem: a imagem da “mulata”. Aqui não se trata de dizer que é inexistente a presença de mulheres brancas nessas funções, o que seria obviamente absurdo, mas de dizer que o imaginário popular nacional e internacional espera que essas figuras sejam o estereótipo da “mulata”, isso é mulheres negras (pretas ou pardas) que expressem características corporais e comportamentais consideradas sensuais e que serão socialmente hipersexualizadas. Para além disso, a figura da “mulata” carrega o desejo pela miscigenação, pautada no racismo, característico da formação social brasileira. Ou seja, “à mulata é reservado um lugar definido, ou definitivo, do ‘encontro das raças’ uma espécie de pororoca cultural.” (Corrêa, 1996, p. 47), seria ela a exaltação do mito da democracia racial (Gonzalez, 2020).

Não é possível pensar no Carnaval da cidade do Rio de Janeiro sem essas personalidades. Basta pensar que por muitos anos (1991-2020) o que anunciava a chegada do período de Carnaval na emissora Rede Globo era a imagem da Globeleza, que era interpretada por mulheres negras, de corpos esculturais e completamente expostos. Inicialmente essa figura possuía somente uma pintura corporal. Com o passar dos anos, foram sendo utilizados biquínis, até que finalmente, no ano de 2021, a emissora decide não continuar com sua famosa personagem. Ou seja, se uma emissora de tamanho porte como a Rede Globo, dentre tantos símbolos do Carnaval, decide acionar a imagem da “mulata” já é possível perceber o tamanho da visibilidade dessa figura, não só a nível nacional, como também internacional.

Quando se pensa na escala internacional, é mais alarmante o imaginário estereotipado da mulher negra brasileira perante o olhar do estrangeiro. É possível se pensar nessa realidade a partir do trabalho das chamadas “mulatas show”. Essas são mulheres, que atuam geralmente como passistas e que são chamadas para trabalharem em casas de show. Existem diversas casas de espetáculo no Brasil que contratam “mulatas show”, seguindo os passos de Oswaldo

Sargentelli, definido popularmente como “mulatólogo”<sup>6</sup>, ou seja, um “especialista em mulatas”, ainda que tal especialidade careça de qualquer embasamento.

Apesar disso, é no exterior que esses eventos são mais requisitados, reforçando a grandeza da imagem do Carnaval e das “mulatas” como símbolos da cultura nacional. Ou seja, vender a experiência do Carnaval para outros países é um excelente negócio. Mas, se é para vender a imagem do Carnaval, o que precisa ser levado? É necessário filtrar o essencial, já que é impossível reproduzir fielmente uma festa de tamanho porte. E é nesse momento que a “mulata” é acionada enquanto símbolo nacional brasileiro, na persona da “mulata show”.

Para refletir sobre essa temática, as entrevistas com as passistas que personificam esse símbolo que é a “mulata” foram fundamentais, permitindo conhecer suas percepções sobre os seus corpos nos espaços que buscamos analisar. Quando busquei realizar essa pesquisa, comecei pelo meu ciclo social, informando que procurava entrevistar passistas e rainhas de bateria negras que desfilassem no carnaval da Marquês de Sapucaí. A partir disso, alguns amigos e familiares me informaram o contato de passistas com esse perfil e que estavam interessadas em participar. Somado a isso, com o início dos trabalhos de campo no Grêmio Recreativo Escola de Samba Sereno de Campo Grande, contactei mais passistas que também aceitaram participar. As entrevistas foram realizadas de forma aberta, e optei em não gravar, buscando construir um espaço confortável para as passistas exporem suas experiências. Optei também por não revelar o nome das entrevistadas procurando preservá-las, sendo assim, serão utilizados pseudônimos ao se tratar de cada uma delas.

Larissa, uma das entrevistadas, é mulata show e viajou por diversos países do mundo apresentando o seu trabalho. Sua trajetória com o samba reflete em muito os escritos de Lélia Gonzalez de que “Toda jovem negra que desfila no mais humilde bloco do mais longínquo subúrbio sonha com a passarela da Marquês de Sapucaí.” (Gonzalez, 2020, p. 80). E seu sonho se tornou realidade. Primeiro com o Império Serrano, depois com a Portela e com a Unidos de Padre Miguel, o seu trabalho foi ganhando cada vez mais visibilidade, o que a permitiu ser convidada para se tornar mulata show. Em um recente trabalho na Alemanha ela expõe que para além do seu talento, uma das razões que a qualificou para uma apresentação específica foi o fato dela ser negra de pele clara. Quando contratou o show, o dono da casa, na Alemanha, exigiu que fosse se apresentar uma mulher negra de pele clara e uma retinta, no caso sua companheira de trabalho, ressaltando a importância de características raciais no trabalho de “mulata show”, principalmente em outros países.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-telecoteco-ziriguidum-oswaldo-sargentelli-inventou-show-de-mulatas-21170942>

Outro importante relato foi oferecido por Milene, passista do Império Serrano, que é “cria” da comunidade em Madureira. Ao longo da enriquecedora entrevista que proporcionou, a dimensão espacial não se fez ausente por um único instante. Uma de suas primeiras afirmações foi “Ensaio de quadra é mais seguro.” quando perguntei o porquê ela elencou que se sentia em risco quando os ensaios eram na rua, que algumas pessoas que iam para acompanhar “já não eram mais tão legais” e que por mais que não fossem a maioria, eram capazes de gerar situações desconfortáveis. Em situações como essa, ela relata que é um membro da própria escola que geralmente oferece um suporte ou que é capaz de perceber situações de assédio e vir até o seu auxílio, como por exemplo os responsáveis pela harmonia.

Outra questão ligada à dimensão espacial foi alertada por ela. Os trajetos até a quadra ou até a Marquês de Sapucaí muitas vezes pode ser temeroso para essas mulheres. Geralmente a escola oferece um transporte coletivo que é alugado para levar ou trazer os integrantes no dia dos desfiles, mas em dias de ensaio, muitas escolas não conseguem oferecer esse serviço para a comunidade. Hoje ela não mora mais no bairro onde fica localizada a quadra do Império Serrano, então seu trajeto é mais longo. Os ensaios em sua maioria acontecem à noite, e ela relatou situações de assédio e até mesmo me alertou a forma mais segura de ir para o Sambódromo, me aconselhando a não ir sozinha. Naquele momento ela me reconheceu também enquanto pessoa vulnerável socialmente devido aos processos de racismo e machismo. Raça e gênero determinam a nossa experiência em espaços escuros, distantes, no transporte público e sozinhas. Nós éramos duas mulheres negras debatendo estratégias para continuar existindo. Ali, nós sabíamos o significado dos nossos corpos durante essa festividade e nesses determinados espaços.

Quando se pensa em espaços perigosos para os corpos femininos negros é automático acionarmos espaços físicos, e de fato são, mas também podemos pensar nos espaços virtuais e na dimensão que essa hipersexualização toma nas redes sociais. Em um dos seus relatos, ela expõe essa realidade a partir de uma de suas vivências: existe um perfil nas rede sociais, criado pela ala das passistas para divulgarem seus trabalhos como grupo, comemorarem premiações e até mesmo compartilharem informações práticas como o horário dos ensaios, ou o dia de ir buscar a fantasia. Nesse perfil, em uma das postagens que continha uma imagem das passistas, arrumadas com suas fantasias, tinha o seguinte comentário feito por um homem: “Depilação tá em dia.”. Nesse momento a entrevistada diz: “Só de pensar que um cara desse abriu a imagem para olhar esse tipo de detalhe... É assustador.”. O que faz uma pessoa reparar nesse tipo de informação em uma página que não é voltada para esse tipo de

atividade? Um imaginário treinado para pensar que aquele corpo está disponível para esse nível de comentário.

A crença de que esses corpos estão disponíveis para o sexo é compartilhada por muitas pessoas. Frases que buscam vulgarizar o trabalho de passistas não são incomuns e muitas vezes são propagadas por outras mulheres, enciumadas da atenção que seus companheiros dão às performances das passistas. Quando questionada sobre as investidas masculinas, ela diz: “Alguns momentos parece que melhora. Outros não.”, e faz um alerta para que as mulheres acompanhadas de seus parceiros entendam que o trabalho delas é sambar, e que muitas das problematizações enxergadas pelas telespectadoras mais conservadoras, não existem de fato. Ou seja, o seu homem não é o centro do mundo.

Paradoxalmente, isso não impede que essas personalidades joguem com a sua sensualidade. Sendo assim, “O poder da mulata também reside na independência alcançada através da afirmação do poder sexual.” (Souza, 2013, p. 3, tradução livre). Ou seja, a liberdade sexual da figura da mulata é uma das tantas dimensões que acionam o discurso de empoderamento feminino. A dimensão da autoestima é fundamental para o processo de empoderamento. Para a mulher negra esse processo é resultado da aceitação de seus traços fenotípicos e de uma luta constante contra propagandas midiáticas que buscam negar a beleza negra:

“O processo de fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento e deve ser levado a sério, embora nem sempre nos meios de militância isso seja considerado um elemento indiretamente político.” (Berth, 2019, p. 144)

Apesar disso, é importante destacar que o processo de empoderamento envolve uma coletividade:

“O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento.” (Berth, 2019, p. 54).

Ou seja, considerando que esses corpos negros e femininos podem ser empoderados, a depender do contexto, isto é, o espaço e o tempo em que estão inseridos, esse empoderamento vai ser alicerçado pela individualidade e coletividade, como condições indissociáveis. A partir de uma análise espacial, se a individualidade cria sujeitos conscientes e a coletividade fortalece a individualidade, espaços onde a coletividade está presente fortalece as condições de empoderamento. Pense no que Milene disse: “Me sinto mais segura nos ensaios de quadra, do que nos ensaios de rua.”. A quadra provavelmente é o espaço que a empoderou. Onde

conviveu com sua comunidade, compartilhando de mesmos hábitos e símbolos. Onde observou outras mulheres negras como ela em situações de poder, mesmo que contextuais: em carros alegóricos ou à frente da bateria. Ao mesmo tempo, sua autoestima enquanto mulher empoderada permite com que ela leve esse legado para a sua comunidade e o ciclo permaneça.

Quando indagada sobre o paradoxo existente entre o discurso de objetificação e empoderamento na figura “mulata” do Carnaval, Bianca, passista do Sereno de Campo Grande, relata o como essa questão é contextual, e se relaciona com o espaço e os observadores. “Trouxe minha mãe e minha filha para assistirem o ensaio. Não tenho problema nenhum com isso.”. Quando perguntada sobre a hipersexualização, ela relata que algumas pessoas que não conhecem o cotidiano do Carnaval, acabam julgando o fato dela atuar enquanto passista, mas que para ela esse tipo de opinião não possui grande relevância. Ela conta que na primeira vez em que desfilou ficou “morrendo de vergonha” de expor o seu corpo, apesar daquele ser um momento muito esperado por ela. Com o passar do tempo ela relata não se sentir mais assim, dizendo que percebeu na sensualidade da passista um ato de empoderamento, como se dissessem “Hoje é o meu momento! Hoje ninguém mexe comigo!”

De forma semelhante, pude observar o quanto essas mulheres se sentem empoderadas nesses espaços, quando estive presente na quadra da escola. Ao chegarem para o ensaio, completamente ornamentadas, se posicionavam com as demais passistas. Nesse momento conversavam de forma descontraída, davam alguns retoques nos adereços e de forma clara faziam com que os olhares dos espectadores fossem voltados para elas. No final do ensaio, ao entrarem na quadra, o diretor da ala as direcionava para uma espécie de camarote, em um ponto mais elevado da quadra, com alguns assentos e acesso a bebidas e petiscos. De lá elas conversavam de forma descontraída, acenavam para membros da escola e aproveitavam a continuação da festa, proporcionada pelos batuques da bateria da escola.

Os relatos das entrevistadas e as observações em campo são essenciais para o entendimento dos significados dos corpos negros femininos nos espaços do Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Ressaltando o argumento central do presente trabalho, de que um corpo não tem o mesmo significado em todos os espaços. Esses significados podem oscilar a depender do contexto. Se esses corpos negros femininos, expostos em fantasias serão objetificados ou empoderados, dependerá do espaço em que estão, de quais condições esse espaço oferece e de quem está fazendo a observação.

Essas mulheres, atuando enquanto passistas, operam em um paradoxo, onde o significado objetificado de seus corpos, herdados do período colonial se confrontam com a

desestabilização formada pelo processo do empoderamento feminino negro. Se refletirmos que o processo de objetificação é a tentativa da retirada da capacidade de agência dessas mulheres, e que empoderar-se é a total capacidade de agência, nos deparamos com um paradoxo. Os espaços do Carnaval das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, por serem formas simbólicas espaciais, assumem múltiplos significados. A Marquês de Sapucaí não oferece as mesmas condições coletivas da quadra da escola. Da mesma forma, a quadra da escola não possui o mesmo público que frequenta as casas de show, e assim por diante. A dimensão comunitária formada em alguns espaços, não se encontra presente em outros.

Pensando novamente no dilema: “empoderamento ou objetificação?”. Se esses corpos continuam sendo objetificados, a depender do contexto, o que permite essa possibilidade? As questões estruturais e estruturantes da sociedade que permanecem as mesmas. Ou seja, se os princípios do racismo e o machismo vindos com o processo de invasão, seguido pela colonização, fundaram a nossa sociedade como hoje conhecemos, essa possibilidade retrata a renovação desses ideais, de tal forma que os naturaliza, como se já estivessem dados desde os primórdios da humanidade. Como se não tivessem origem e fossem insuperáveis. E essa é mais uma das tantas estratégias que o sistema capitalista utiliza para manter a naturalidade da sua atuação e ditar a impossibilidade de sua superação.

Apesar disso, o movimento dessas mulheres, de desestabilização desses significados, apresenta outra possibilidade. A capacidade de empoderar-se simultaneamente na individualidade e na coletividade, operando com o corpo e a sensualidade enquanto exercício de poder, abalando essas relações estruturais e estruturantes. Não se trata aqui de negar a construção hipersexualizada da imagem dessas mulheres, herdada do período colonial, mas de ressaltar as suas formas de agência dentro do sistema existente e da importância da dimensão espacial na construção desses significados

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou compreender as diferentes percepções acerca do corpo da mulher negra nos diferentes espaços do Carnaval das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Considerando espaços como a quadra da escola, os ensaios de rua, a Marquês de Sapucaí e até mesmo casas de show estrangeiras, a pesquisa procurou entender o corpo da chamada “mulata do Carnaval”, em diferentes espaços, cercados por diferentes espectadores e partindo do relato das entrevistadas e das observações em campo, como metodologias complementares. Seriam essas mulheres símbolos máximos do Carnaval, manifestação cultural compreendida enquanto

forma simbólica espacial (Corrêa, 2007). Seus corpos podem assumir diferentes significados a depender do espaço e de quem o experiencia.

Analisando o passado brasileiro de invasão, seguido de colonização, baseado em uma ideologia racista e machista, que objetifica corpos negros femininos, o trabalho se propôs a refletir sobre a construção do estereótipo da mulher negra, enquanto “mulata do Carnaval”. Essa acionada enquanto símbolo nacional, resultado do real desejo pelo embranquecimento na construção do país, seguido pelo discurso de raça miscigenada, que diversas vezes é acionado falaciosamente, buscando ignorar a existência do racismo na sociedade brasileira.

Em contraponto, o trabalho buscou refletir sobre o empoderamento que envolve a exposição de corpos femininos negros que reclamam a sua autonomia, o direito a exercerem a sua sensualidade e a dimensão da autoestima existente no processo de empoderamento. A aceitação de traços fenotípicos negros, em uma sociedade que busca negar a beleza negra constantemente, é um ato de resistência. O processo de empoderamento individual, com a aceitação do corpo, do cabelo, da cor etc., constrói uma coletividade empoderada, uma coletividade empoderada constrói indivíduos empoderados.

Pensando no paradoxo “objetificação e empoderamento” do corpo da passista negra nesses diferentes espaços já citados, a base dessa reflexão está justamente em desconstruir noções simplificadoras dessa realidade. Esses corpos podem ser objetificados ou empoderados, a depender do espaço e dos sujeitos que constroem o contexto analisado. A defesa do presente trabalho permanece sendo na autonomia dos corpos negros femininos, sem negar o passado racista e machista que constroe a sociedade brasileira e que objetifica essas mulheres, muito pelo contrário, buscando na resistência delas a reivindicação ao direito a autoestima, ao empoderamento individual e ao empoderamento coletivo, através da resignificação da exposição de seus corpos.

## Referências bibliográficas

BERTH, Joice. Estética e afetividade: noções de empoderamento. *In*: BERTH, Joice. **Empoderamento**. 2ª edição. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. p. 111-149.

BERTH, Joice. Opressões estruturais e empoderamento: um ajuste necessário. *In*: BERTH, Joice. **Empoderamento**. 2ª edição. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. p. 49-65.

COM ‘telecoteco e ziriguidum’, Oswaldo Sargentelli inventou o ‘show de mulatas’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 abr. 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-telecoteco-ziriguidum-oswaldo-sargentelli-inventou-show-de-mulatas-21170942>. Acesso em: 03 mar. 2025.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 6/7, p. 35-50, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>. Acesso em: 03 jan. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 20ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2021. p. 15-47

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 7-18, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13530>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FREITAS, Marcel de Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 5, n. 9, p. 63-68, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/1577>. Acesso em: 29 mai. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A esperança branca. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (orgs.). **Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 211-213.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (orgs.). **Por um feminismo**

**afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 25-44.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (orgs.). **Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

SACRAMENTO, Octávio; RIBEIRO, Fernando Bessa. Trópicos sensuais: A construção do Brasil como geografia desejada. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 7, n. 10, p. 215-232, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/5385>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SOUZA, Corey. Mulatice: Fetish or Feminine Power?. **The Latin Americanist**, Carolina do Norte, v. 57, n. 1, p. 91-106, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1557-203X.2012.01187.x>. Acesso em: 21 mai. 2024.